

# *Resenha Crítica: China em Dez Palavras*

Henrique Barcelos Amaral nº 158655

Fontes e Métodos para os Estudos Asiáticos

Docente: Elisabetta Colla

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ano letivo 2021-2022

Licenciatura em Estudos Asiáticos

Total de palavras: 1303

Escrita por Yu Hua, a obra *China em Dez Palavras* foi traduzida por Tiago Nabais e publicada pela Relógio D'Água Editores em abril de 2018. Yu Hua nasceu no ano de 1960 em Zhejiang (na China). Quando o autor terminou a universidade, a Revolução Cultural tinha já chegado ao fim e trabalhou durante cinco anos antes de começar a escrever, em 1983. O seu primeiro trabalho foi como dentista (mais precisamente, arrancar dentes) e de vacinar operários e crianças por diferentes vilas no verão. Na totalidade, Yu Hua escreveu três coleções de ensaios, seis coleções de contos e cinco romances, sendo que, as suas obras foram traduzidas para várias línguas como japonês, coreano, francês e alemão. Em 2002, Yu Hua tornou-se o primeiro autor chinês a receber o respetado *James Joyce Award*. Na década de 1990, *Crónicas de um Vendedor de Sangue* e *Viver* foram considerados dois dos dez livros mais influentes da China.

No intuito de escrever este livro, o autor apresenta-nos dez palavras para cada capítulo: Povo, Líder, Leitura, Escrita, Lu Xun, Disparidade, Revolução, Raízes-de Erva, Pirataria e Aldrabar. Por cada palavra, o Yu Hua faz um relato pessoal sobre episódios importantes da sua vida quotidiana, afetados por várias etapas como a Revolução Cultural Chinesa, os Protestos de Tiananmen e o Grande Salto para a Frente. Ao contar estes episódios, o autor enfatiza vários aspetos da vida, como a desigualdade social e a corrupção política, na China que se transformavam de uma forma súbita num país moderno. Neste livro, também nos é apresentada a origem e a ascensão da conduta de imitação (referida na nona palavra, Pirataria) e de vigarice (referida na décima, Aldrabar).

No primeiro capítulo, Povo, aborda-se a união das pessoas contra o regime e sobre os protestos de Tiananmen. No segundo capítulo, Líder, o autor fala sobre Mao Zedong, da sua autoridade, da importância do respeito ao presidente e da reação das pessoas a uma notícia sobre o mesmo. “*Esta parvoíce poderia ter sido a minha morte*”<sup>1</sup>, referindo-se ao ataque de riso que teve quando foi anunciada a morte de Mao. No terceiro capítulo, Leitura, o autor fala sobre a falta de material de leitura durante a Revolução Cultural devido à censura, queima de livros, os dazibao e da abundância de livros deste quando a Revolução Cultural acabou. Durante o regime opressivo de Mao Zedong os livros mais comuns na China eram os que tinham sido escritos por ele mesmo. No quarto capítulo, Escrita, elabora-se maioritariamente os dazibao, sobre as sessões de crítica, sobre as execuções dos condenados que as seguiam e sobre sonhos que tinha enquanto dormia onde ele próprio era executado.

Seguidamente, no quinto capítulo, Lu Xun, Yu Hua fala sobre a importância do escritor Lu Xun e sobre a admiração de Mao por ele. No sexto capítulo, Disparidade, fala sobre uma mudança de atitude de um colega durante uma luta de rua, sobre as relações entre alunos femininos e masculinos, as diferenças entre as cidades e a aldeia rurais e das senhas para vários mantimentos, como carne e óleo. No sétimo capítulo, Revolução, Yu Hua, fala em específico sobre a Revolução Cultural, a sobreprodução fracassada de aço, cuja oferta eventualmente superou a procura, sobre a universidade, desemprego pós-graduado e o aumento das propinas. No oitavo capítulo, Raízes-de-erva, explora “*as camadas sociais mais frágeis e desprotegidas do país*”<sup>2</sup>. No nono capítulo, Pirataria, Yu Hua fala sobre o carácter de imitação da China, fazendo referência à substituição de palavras como contrafação e cópia por pirata, de pósteres e cartazes de Mao Zedong com frases falsas. No décimo e último capítulo, Aldrabar, o autor fala sobre a cultura de engano na China, referenciando um comediante Zhao Benshan que conseguiu aldrabar uma pessoa de modo a sentir-se coxo e a comprar uma bengala.

Na sua maioria, a obra foi bem recebida pela imprensa e pelos académicos, isto devido ao facto de ser um relato pessoal e íntimo. Esta obra foi escrita por alguém que experienciou as “*chilling cruelties during Mao Zedong’s Cultural Revolution*”<sup>3</sup>, e não por um académico que se baseou em outros artigos e obras. Este livro oferece um retrato verdadeiro do país, de facto muito diferente do que dos relatos de viajantes ou dos programas televisivos. Neste livro também é evidente uma crítica não só à Revolução Cultural, mas também ao Grande Salto em Frente, Yu Hua narra os seus relatos pessoais, ainda assim, faz referência às dificuldades da população durante esta época.

---

<sup>1</sup>Yu Hua, *China em Dez Palavras*, p.41

<sup>2</sup>*Ibid*, p.166

<sup>3</sup> (Link 2011)

De acordo com Jeffrey Wasserstrom, na era de modernização da China, a população sofreu bastante tendo havido um “*high human toll of the government’s rush to make the country look as “modern” as possible as quickly as possible.*”<sup>4</sup> e que “*ordinary individuals are once again suffering in the name of abstractions.*”<sup>5</sup>, recorrendo às citações “*Basta considerar o processo de urbanização do país, em que uma quantidade enorme de edifícios foi demolida num curto espaço de tempo, dando lugar a arranha-céus que rapidamente se ergueram.*”<sup>6</sup> e “*Por trás deste cenário, repetiram-se padrões de violência revolucionária ao estilo da revolução cultural.*”<sup>7</sup> para corroborar os seus pontos de vista.

Segundo Ligaya Mishan, no seu artigo “*China as a Paper Republic*”, publicado no *New York Times*, o livro não foi bem recebido na China “*This does not, however, seem to have appeased the censors.*”<sup>8</sup>, isto porque a obra nos apresenta “*a morally compromised nation, plagued by escalating unemployment, class polarization and endemic corruption and waste.*”<sup>9</sup>, fazendo também referência à pessoas que tinham de viajar pelo país a vender o seu sangue “*highest bidder*”<sup>10</sup> devido à pobreza extrema.

De facto, apesar da nacionalidade do autor, devido “*unflattering details*”<sup>11</sup> o livro não foi publicado na China, o que mostra que, apesar de a era de Mao já ter acabado, ainda restam certas características da Revolução Cultural na China atual. Nas palavras de Perry Link em “*Realism’s Return*”, publicado no *The New Republic*, “*Mao is still present in two ways: first, there are continuities, most notably in the authoritarian structure of Communist Party rule; and second, although there have been major rebounds from Mao, the rebounds themselves are structured by what they rebound from—and again Mao’s ghost persists.*”<sup>12</sup>. Esta estrutura autoritária do Partido Comunista Chinês também é mencionada no artigo de Yenna Wu, “*China Through Yu Hua’s Prism*”, em que a autora faz referência à decisão tomada por Yu Hua de publicar o livro original no Taiwan e não na República Popular da China, “*the reason for Yu to publish his chinese original in Taiwan instead of China- this article highlights Yu Hua’s moral courage and narrative art as well as Taiwan’s successful democracy*”<sup>13</sup>, dando a ideia de que Yu Hua deposita mais confiança no governo de Taiwan do que no do seu país para proteger o seu trabalho.

---

<sup>4</sup> (Wasserstrom 2011)

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> Yu Hua, *China em Dez Palavras*, p.150

<sup>7</sup> *Ibid.*

<sup>8</sup> (Mishan 2011)

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> *Ibid.*

<sup>12</sup> (Link 2011)

<sup>13</sup> (Wu 2012)

Esta obra é genuinamente interessante, desde os relatos íntimos e verdadeiros do autor, às histórias de outros indivíduos, à crítica do governo e da sociedade. O facto de ter sido escrito por alguém que experienciou as eras de Mao Zedong e Deng Xiaoping tornam a lei e não por um académico que se baseou em outros trabalhos tornam a obra e a sua leitura muito mais apelativas. Apesar de me tentar abster das minhas crenças influenciadas pelo meio democrático europeu onde vivo, por tempos durante a leitura da obra sentia uma frustração enorme, principalmente durante as histórias de desgraça narradas por Yu Hua.

## Bibliografia:

Hua, Yu. *China em Dez Palavras*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2018.

Link, Perry. *Realism's Return*. 22 de Dezembro de 2011.

<https://newrepublic.com/article/98695/you-hua-ten-words-china> (acedido em 23 de Novembro de 2021).

Mishan, Ligaya. *China as Paper Republic*. 10 de Novembro de 2011.

<https://www.nytimes.com/2011/11/13/books/review/china-in-ten-words-by-yu-huatranslated-by-allan-h-barr-book-review.html> (acedido em 21 de Novembro de 2021).

Wasserstrom, Jeffrey. *Yu Hua's 'China in Ten Words'*. 02 de Novembro de 2011.

<https://asiasociety.org/blog/asia/jeffrey-wasserstrom-yu-huas-china-ten-words> (acedido em 20 de Novembro de 2021).

Wu, Yenna. *China Through Yu Hua's Prism*. Abril de 2012.

<https://www.jstor.org/stable/44288977> (acedido em 21 de Novembro de 2010).